

estudos sugerem que o contágio ocorre principalmente pelo leite e que a pasteurização também poderá eliminar esse vírus. Quanto ao HBV, há risco de contaminação neonatal entre 40% e 90% dos casos. A transmissão pelo leite também é possível, mas a aplicação imediata de imunoglobina e vacina pode evitar o contágio. A transmissão vertical do HCV ainda é incerta, mas há cuidados recomendados, como “um parto vaginal, que expõe menos o bebê ao contato com o sangue da mãe”, alerta Maria Teresa.

A pesquisa abrangeu 1.540 gestantes da região do Butantã e requereu dez meses para a coleta das amostras de sangue e mais 18 meses para acompanhar os bebês das mães infectadas. As amostras das mães foram colhidas no momento do parto e as dos filhos das infectadas no 3º, 6º, 12º e 18º ou 24º meses de vida. Colheram-se 10 ml de sangue de cada gestante. Para cada amostra positiva, houve ao menos dois testes confirmatórios, por pesquisa do DNA ou RNA viral.

Caso houvesse triagem sorológica de rotina em gestantes na rede pública de saúde, como sugere o estudo, se poderia adotar terapêutica específica e precoce para as soropositivas e seus bebês, com interrupção do aleitamento em casos de risco. Isso e “a priorização da rede básica de saúde poderiam”, diz a pesquisadora, “contribuir muito para a diminuição da alta mortalidade infantil em nosso meio”. •

PERFIL:

• MARIA TERESA ZULINI DA COSTA é graduada, com mestrado e doutorado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). É professora da USP desde 1981 e chefe da Unidade Neonatal da Divisão de Clínica Pediátrica do Hospital Universitário desde 1992.

Projeto: *Prevalência de HIV, HTLV I-II, HBV e HCV em Gestantes da Região do Butantã e Avaliação Clínica e Sorológica dos Recém-Nascidos de Gestantes Soropositivas.*

Investimento: R\$ 28.822,40

Outra vítima da *Xylella*

Acumulam-se as evidências de infestação da bactéria em cafeeiros

Agora é certo: a bactéria *Xylella fastidiosa*, causadora do amarelhinho em laranjais paulistas, infecta também os cafezais – e do Brasil inteiro. A contaminação dos cafeeiros pode até ser mais antiga. “É provável que a *Xylella* tenha ido do café aos citros”, diz o fitopatologista Osvaldo Paradela Filho, do Instituto Agronômico de Campinas (IAC). Para ele, só assim se pode explicar a ocorrência da doença em cafezais de Minas Gerais, Paraná e Bahia há pelo menos 30 anos, conforme os levantamentos de campo e relatos que tem colecionado. Essa hipótese ganha o reforço de dois fatos: a cigarrinha (o inseto transmissor da bactéria) tem voo curto e praticamente não há plantações de laranja fora do Estado de São Paulo.

“Todo cafezal com mais de cinco anos está infectado por *Xylella*, em maior ou menor intensidade”, diz o pesquisador. Em 1995, foi ele quem comprovou a presença da bactéria também nos pés de café. No Centro Experimental do Instituto Biológico, em Campinas, o bacteriologista Luis Otávio Saggion Beriam prepara os experimentos de infestação controlada, para conhecer melhor o desenvolvimento da doença chamada de atrofia do ramo de cafeeiro. Causada por deficiência de zinco, induzida pela presença da bactéria, é mais intensa quando a planta se submete à

escassez de água. Prejudica o crescimento dos cafeeiros, encurta o internódio (o espaço entre os nós) para um terço do tamanho normal e reduz o tamanho dos frutos. Consequência: a produtividade cai. Atualmente, o Brasil produz 25 milhões de sacas de 60 kg, com exportações da ordem de US\$ 3,1 bilhões. A participação no mercado mundial, de 80% no início do século, hoje é de 20%.

Em Araraquara, o agrônomo Li Wenbin, pesquisador do Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus),



Comparação: café saudável e infectado com *Xylella*

provou o caminho inverso: a *Xylella* pode também ir dos laranjais aos cafezais. Em estufa, Wenbin infectou cem mudas de café com a variedade de *Xylella* dos citros e verificou que os sintomas apareceram. Agora, vai tentar o caminho de transmissão natural, as cigarrinhas, para confirmar o desenvolvimento da *Xylella* do café em citros. Há mais um ano de trabalho pela frente, mas já há sinais de que, teoricamente, um laranjal contaminado pode infectar um cafezal saudável. A boa notícia é que o recém-concluído genoma da *Xylella* deve servir tanto para a laranja quanto o café. Estima-se que exista uma homologia (semelhança) de 85% entre o material genético das variedades de *Xylellas* que infestam uma planta e outra. •